

Eurico Alves Boaventura e sua operação historiográfica em *Fidalgos e vaqueiros* (1989)

Artur Vitor de Araújo Santana¹

Resumo: Este artigo busca analisar a concepção de história defendida por Eurico Alves Boaventura no seu ensaio *Fidalgos e vaqueiros* (1989). A obra foi escrita entre 1952-1958, mas sofreu alterações até o ano de 1963. Motivado pela preocupação de escrever sobre si, sua família e a elite do pastoreio, o ensaísta produz uma historiografia do interior da Bahia, como uma forma de defender a sua própria imagem de Brasil. A escolha dos livros citados na obra está relacionada com a proposta temática discutida pelo escritor. A preferência dele por determinados intelectuais contribuem intelectualmente para sua operação historiográfica. Para isso, se torna necessário contextualizar a produção literária euriquiana em relação ao modernismo, diante da tradição ensaística presente na Bahia.

Palavras-chave: Brasil. Ensaio sociológico. Eurico Alves Boaventura. História. Modernismo baiano.

Abstract: This article seeks to analyze the conception of history defended by Eurico Alves Boaventura in his essay *Fidalgos e vaqueiros* (1989). The work was written between 1952-1958, but underwent changes until 1963. Motivated by the concern to write about himself, his family and the country aristocracy, the essayist produces a historiography of the interior of Bahia, as a way of defending the its own image of Brazil. The choice of books mentioned in the work is related to the thematic proposal discussed by the writer. His preference for certain intellectuals contributes intellectually to his historiographical operation. To do this, it is necessary to contextualize Euryquian literary production in relation to modernism, given the essayistic tradition present in Bahia.

Keywords: Brazil. Sociological essay. Eurico Alves Boaventura. History. Modernismo baiano.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP, Brasil. E-mail: avasantana08@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7267-8169>.

Introdução: as características da narrativa euriquiana

“Este livro possivelmente não terá significação alguma para alguns que o lerem” (BOAVENTURA, 1989, p. 11). Com essa frase, Eurico Alves Boaventura (1909-1974)² abre sua obra, escrita entre os anos de 1952 até meados de 1963, que seria publicada com o título *Fidalgos e vaqueiros*, em 1989, após a morte do autor. Logo na primeira página, o escritor baiano delimita um público muito específico para seu texto, apenas “alguns” dos leitores construiriam sentidos sobre o ensaio, pensado como um limiar entre a autobiografia, um memorial e um livro científico, os três estilos textuais que tangenciam a escrita de Boaventura.

Esses leitores seriam sertanejos como ele, “muitos tabaréus, catingueiros de hoje” (BOAVENTURA, 1989, p. 12), que poderiam ter experiências próximas daquelas narradas ao longo do livro, cujo objetivo principal seria apresentar estudo sobre “nosso sertão” (BOAVENTURA, 1989, p. 12). A escolha narrativa de começar o manuscrito delimitando o público que iria se interessar pelas discussões levantadas, demonstra a particularidade da tese que o ensaio apresenta. Com o objetivo de narrar a História do Brasil da colônia até a segunda metade do século XX, Eurico Alves escolhe contá-la a partir da zona do pastoreio de Feira de Santana, na Bahia, onde foi criado e tinha um vínculo especial (QUEIROZ, 2015).

Antes de dar continuidade à discussão, torna-se importante retomar quem foi Eurico Alves Boaventura, pois se trata de um personagem pouco conhecido na história literária, apesar do seu papel destacado no âmbito do chamado modernismo baiano. Boaventura nasceu em 1909. Ainda muito jovem, ele começou a escrever poesias. Em 1928, o literato já fazia parte do grupo *Arco & Flexa* (1928-1929), que publicou a primeira revista declaradamente moderna na Bahia. O impresso foi assinado por jovens intelectuais, tutorados por Carlos Chiacchio, um renomado jornalista baiano do período, que vieram a se destacar na cena política e intelectual do estado. Tal prestígio deve ter contribuído para a inserção de Eurico Alves nas redes intelectuais regionais, embora ele fosse feirense e não soteropolitano.

Boaventura graduou-se em Direito e posteriormente, em 1946, se tornou juiz. Teve atuação destacada em várias cidades do interior da Bahia, mas nunca deixou de escrever, mesmo com reduzida frequência com que aparecia nos impressos baianos no período. A partir da década de 1950, o escritor se volta para a escrita de crônicas e ensaios, entre eles, *Fidalgos e vaqueiros*, diante de uma preocupação com a cultura sertaneja que, segundo ele, estaria sendo apagada com os burburinhos da modernidade. Cabe lembrar que esse desejo traduz os

² Escritor (poeta, ensaísta, cronista e memorialista), juiz e fazendeiro baiano. Membro da *Revista Arco & Flexa* (1928-1929), primeiro impresso modernista da Bahia. Autor de vários livros publicados após sua morte: *Fidalgos e vaqueiros* (1989); *Poesia* (1990); *A paisagem urbana e o homem* (2006) e *Cipó Verdes: narrativas* (2009).

anseios de grupos sociais cujo perfil se associava ao qual Eurico Alves fazia parte, que seria uma espécie de aristocracia sertaneja³. Dessa forma, o ensaio analisado tem uma proposta bastante clara: apresentar e discutir alguns aspectos oriundos das memórias de Boaventura, assim como narrativas políticas e socioculturais do sertão, com o objetivo de construir uma narrativa historiográfica sobre o Brasil.

O estilo literário adotado por Boaventura possibilita uma escrita inovadora quando se trata de relacionar autoria, memória e escrita de si. A escolha de Eurico Alves em escrever a História do Brasil a partir de suas lembranças e da sua família é um gancho para abordar outras questões, que vão além das experiências individuais do sujeito, mas mantém como foco pensar representações sobre a nação, principalmente, para estabelecer uma narrativa historiográfica em resposta a Gilberto Freyre, em especial a *Casa Grande e senzala*⁴.

A obra do escritor feirense se insere em um contexto histórico do modernismo caracterizado pela produção de ensaios sócio-históricos, entre as décadas de 1930 a 1950, devido à preocupação de interpretar o Brasil, mas atrelada à decadência das elites rurais e ao crescimento urbano (BOSI, 2022). Devido à Faculdade de Direito e de Medicina (SIMÕES, 1971), que formavam os intelectuais que integravam tanto os espaços acadêmicos quando cargos políticos (SILVA, 2011), a Bahia possuiu uma forte tradição ensaística na sua produção literária.

Afrânio Coutinho (2004) descreve o ensaio como “um breve discurso, compacto, um compêndio de pensamento, experiência e observação, [...] à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários assuntos de sua experiência ou recordações” (COUTINHO, 2004, p. 118). Mas, segundo o próprio intelectual, no Brasil o gênero mudou sua concepção inicial, deixou de ser um espaço para o desenvolvimento inicial de ideias para apresentar uma análise e pesquisa já concluída, com a defesa de uma determinada tese. Dessa forma, a mudança na produção literária de Eurico Alves, das poesias da década de 1920 a 1930, para, posteriormente, as crônicas e ensaios, buscava atender os novos anseios do ensaísta: escrever sobre si e sua família através de sua interpretação do país.

³ A similaridade entre Eurico Alves e outros membros da aristocracia rural nordestina pode ser percebida pelo estudo de Oswaldo Lamartine de Faria, realizado por Evandro Santos (2020).

⁴ Gilberto Freyre é o autor mais citado em *Fidalgos e vaqueiros* com 47 citações. Ele é seguido por: Oliveira Viana (44 vezes), João Capistrano de Abreu (28 vezes), José de Alencar (28 vezes), A. Saint-Hilaire (24 vezes), Gustavo Barroso (23 vezes), Ulisses Lins (23 vezes), Alfredo Ellis Júnior (19 vezes), Euclides da Cunha (18 vezes), Pedro Calmon (17 vezes), Alfredo d’Escagnolle Taunay (16 vezes), John Luccock (16 vezes), Bernardo Guimarães (15 vezes), Caio Prado Júnior (15 vezes), Ovídio (15 vezes), Afrânio Peixoto (13 vezes), L. F. de Tollenare (13 vezes), Luís Câmara Cascudo (13 vezes), Henry Koster (12 vezes), M. Cavalcanti Proença (12 vezes), M. Rodrigues de Mello (12 vezes), A. de Castro Alves (11 vezes), George Gardner (11 vezes), R. Francis Burton (11 vezes), Cassiano Ricardo (10 vezes), João Dornas Filho (10 vezes), Manoel Aires de Casal (10 vezes), Maria Graham (10 vezes) e Oscar Canstatt (10 vezes).

Essa preocupação em defender uma imagem de Brasil é muito marcante em Boaventura. Rita Olivieri (1987), no seu artigo clássico “Para ler Eurico Alves Boaventura”, afirma que a obra do escritor baiano é “o que há de mais autêntico na escolha de uma temática ligada às tradições regionais, na tentativa de erigir uma literatura nacional com bases nas raízes históricas e culturais do povo” (OLIVIERI, 1987, p. 3). Dessa forma, não é apenas a necessidade de escrever sobre si que é acentuada em *Fidalgos e vaqueiros*, como também defender a literatura nacional a partir de sua cultura mais genuína, que para Eurico Alves, era o sertão e suas gentes.

Outro crítico literário que classificou a escrita de *Fidalgos e vaqueiros* foi Jorge Araújo (2009). O ensaio lhe chama atenção “pelo estilo algo grandiloquente, neo-barroco, ou rococó, Eurico Alves Boaventura habilita seu texto a uma historiografia social com tinturas de sociologia literária” (ARAÚJO, 2009, p. 9). Apesar de ser pouco conhecido, Araújo (2009) acredita que Eurico Alves deve ser uma leitura obrigatória pelas grandes contribuições do seu ensaio para a literatura baiana e brasileira, por registrar o cotidiano da sociedade sertaneja.

A partir de outro olhar, Juraci Dórea (1978) afirma que *Fidalgos e vaqueiros* é fruto de “observações pessoais, aliado a uma extenuante pesquisa bibliográfica” (DÓREA, 1978, p. 54), que relaciona a personalidade do autor com uma preocupação em manter diálogo com teses que também discutem a construção do Brasil em suas mais variadas perspectivas (cultural, política, social, econômica, etc.). A característica pessoal da escrita euriquiana também é destacada por Valter Soares (2011). Para ele, o texto de Boaventura é marcado por uma curiosidade científica, atrelado à nostalgia e repleta de afetividade oriunda das memórias que são retomadas. Além disso, há, para esse autor, em Boaventura uma escrita de caráter “marcadamente autobiográfica” (SOARES, 2011, p. 3). Dessa forma, Soares (2011) concorda com Araújo (2009) ao afirmar que Eurico Alves apresenta uma preocupação de escrever sobre si e arquivar uma paisagem-sertão que desapareceria diante da modernização dos costumes.

Assim, Boaventura atrela essa escrita de si e de sua família com o passado político de Feira de Santana e da zona do pastoreio como um todo, a partir dos laços consanguíneos entre os grandes fazendeiros que atuavam fervorosamente nas decisões estratégicas que moldaram a economia da região das Itaporocas. O escritor, dessa forma, relaciona questões de sua trajetória pessoal a questões do cotidiano da urbe feirense (OLIVEIRA, 2016), tendo como objetivo refletir sobre a cultura do sertão, que por consequência deu origem ao Brasil.

Este artigo é dividido em três partes. Nesta primeira, apresentam-se as características principais da escrita de Eurico Alves Boaventura, especialmente no ensaio *Fidalgos e vaqueiros* (1989), que é o principal objeto de análise desse texto. Na segunda parte, mergulha-se na discussão sobre memória, que se tenciona com a escrita de Boaventura, por perceber que o escritor baiano utiliza memórias

próprias e do grupo social em que estava inserido para escrever a história do Brasil que ele acredita ser a legítima. Por fim, elencamos as principais características presentes na nossa argumentação. Quais elementos narrativos estão presentes na produção historiográfica de Boaventura? Essa é a questão central que atravessa esse texto.

“É preciso firmar-se a biografia desta penetração”: memória

Quando se escreve sobre uma determinada temática, comumente, tem-se como objetivo refletir sobre questões que nos são pertinentes. Para Joël Candéau (2021), o ato da escrita está relacionado com um “temor do esquecimento” (CANDEAU, 2021, p. 139), que somado com as memórias particulares dos escritores resultam em uma identidade que eles pretendem manter viva.

A relação entre memória e esquecimento é uma discussão que ganhou espaço principalmente a partir da década de 1980, porém vem sendo cada vez mais aprofundada. Jeanne Gagnebin (2006), no seu livro *Lembrar, escrever, esquecer*, revisita os textos antigos clássicos e apresenta a função prática do historiador, que estaria pautada em “lutar contra o esquecimento e a denegação, lutar, em suma, contra a mentira, mas sem cair em uma definição dogmática de verdade” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Com isso, a pesquisadora demonstra como escrever está intimamente interligado com a necessidade de manter uma memória viva e evitar seu apagamento. Nessa perspectiva, escrever é um ato político que defende o que deve ser lembrado.

A escolha de Boaventura em escrever a História do Brasil a partir da casa da fazenda, no interior da Bahia, tem como objetivo arquivar uma memória da elite rural da qual ele fazia parte. Coloca os Alves de São Boaventura como protagonistas no processo de fundação do país, narrativa que contrapõe o destaque da atuação dos bandeirantes, para Capistrano de Abreu, e zona canavieira, para Gilberto Freyre.

O ensaísta recorre a cerca de 330 autores que são citados ao fim de cada capítulo. Os escritores aparecem no corpo do texto em caixa alta, seguido de um número entre parênteses que serve como referência para a obra. A escolha dos livros está relacionada com a temática que se propõe discutir. Apesar da grande quantidade de autores, a maioria deles tiveram poucas citações na escrita. Entre eles, apenas 30 escritores foram citados mais de dez vezes ao longo de todo ensaio, o que demonstra que houve pesquisadores com presença mais frequente na escrita euriquiana. O grupo mais influente na produção de *Fidalgos e vaqueiros* revela uma proximidade tanto na abordagem quanto pela concepção de História defendida por Boaventura. Pode-se observar que a amostra dos autores mais citados corresponde a 9,1% do montante geral de escritores, que era formado por historiadores, sociólogos, jornalistas, memorialistas e romancistas. Além da

amostragem numérica, é necessário observar quais capítulos os autores são mais citados e em quais temas são mais recorrentes. A análise quantitativa e qualitativa permite um levantamento de como os escritores citados por Boaventura contribuíram para a construção da concepção historiográfica do escritor. No momento, o objetivo do artigo é o estudo da narrativa presente em *Fidalgos e vaqueiros*, diante da preocupação do autor em arquivar a memória da aristocracia dos currais na sua proposta para história do Brasil.

A escolha de Eurico Alves sobre o que deve ser lembrado pode ser lida através de Jacques Le Goff (2013), como uma tentativa de transformar seu relato pessoal em fatos históricos, a monumentalização da escrita de si, de objetos cotidianos e de documentos sobre o passado agro-pastoril. O ato de monumentalizar, isto é, tornar algo ou alguma coisa relevante para a narrativa histórica, elege os dizeres que vão ser eternizados pela pena do escritor, que serão organizados em um conjunto pertinente de fatos. A eleição do que será lembrado ou esquecido é perpassado pelos anseios de grupos sociais que buscam estabelecer seu domínio sobre a memória coletiva do seu tempo (LE GOFF, 2013).

Quando Boaventura decide produzir a escrita do Brasil centrada no interior da nação, em especial a região do sertão, ele pretende defender uma história que lhe é importante, mas que não ganhou o devido conhecimento no período de escrita do ensaio *Fidalgos e vaqueiros* (1989). Produzir história, “trata-se, no fundo, de lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita” (GAGNEBIN, 2006, p. 146). Essa luta, pontuada pela escritora, está relacionada com o poder de escolha dos fatos que serão narrados, o que está diretamente ligado ao lugar social em que o escritor está inserido e academicamente situado. Ele afirma:

Não se escreveu ainda a história desta penetração pelo vale do Jacuípe. Era este rio a prateada estrada líquida, que levou vaqueiros ao seguro ponto para novos pastos do seu rebanho. É preciso firmar-se a biografia desta penetração. O silêncio que ainda a pega e abocaneia e que procura apagar o rastro das entradas pelo vale do Jacuípe, do povoamento primitivo do seu vale advém de ter sido a penetração impelida pelos tangedores de gado. De ressonância, no tempo, só a dos aboios e do mugido das reses rodeadas ao cair das tardes, que já se esconderam na ganância do tempo. Se tivesse o vale sido fendido pela volúpia dos prospectores, o alarido dos seus alviões lhe encheria a distância dos caminhos (BOAVENTURA, 1989, p. 44).

Quando Boaventura menciona que “é preciso firmar-se a biografia” do povoamento do interior do país a partir do avanço das boiadas, o escritor desloca o foco da narrativa historiográfica na qual os bandeirantes foram os grandes desbravadores do nosso território, fato que Eurico Alves não concorda. “Não se escreveu ainda a história desta penetração” chama atenção justamente a esse jogo

de poder que constitui a escrita, pois o próprio silenciamento a que é submetido o vaqueiro, lhe apagam os “rastros” na civilização brasileira. Qual a necessidade de escrever essa tese defendida pelo ensaísta? É mostrar, justamente, que no interior da Bahia também há histórias que devem ser contadas e de suma importância para a compreensão do próprio Brasil, tanto quanto outros estados, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro.

Como mostra João Penna (2003), “a importância do testemunho na América Latina espanhola está ligada à possibilidade de dar expressão a culturas com uma inserção precária no universo escrito e uma existência quase exclusivamente oral” (PENNA, 2003, p. 305). Apesar da especificidade da América espanhola, essa desvalorização da oralidade em detrimento da escrita é algo corriqueiro no nosso processo de colonização na América portuguesa, que ainda nos induz a acreditar que por não se ter escritos sobre a cultura e sociedade sertaneja, por consequência, não teria história. Na sua abordagem, Eurico Alves se propõe a escrever detalhadamente sobre o sertão e suas gentes, a partir de lembranças próprias, com a preocupação de recuperar cinco séculos da história da região do pastoreio, com o objetivo de inserir o fidalgo-vaqueiro no processo de construção nacional, desde a colonização até a República. O relato euriquiano beira a História Social, com características sociológicas e antropológicas da civilização do pastoreio.

Escolher narrar o Brasil a partir de suas memórias e da sua família, faz com que o escritor construa uma narrativa que ordene os fatos, com destaques para eventos que são pertinentes para a memória coletiva da elite rural sertaneja. Dessa forma, o ensaio *Fidalgos e vaqueiros* defende os interesses de um grupo social específico, que busca recuperar o prestígio das famílias afortunadas do interior baiano e pensar a região como um todo através da genealogia dos Alves Boaventura.

Jorge Araújo (2009) também destaca o papel que *Fidalgos e vaqueiros* desempenha para um estudo aprofundado do Brasil sertanejo:

História social e memória individual e coletiva evidenciando sensibilidade telúrica e consciência ecológica, *Fidalgos e vaqueiros* reflete e projeta uma verdadeira revisão de valores entre o Recôncavo e o Sertão, filtrando uma narrativa de fundação, refundindo a música onomatopeica dos capinzais curraleiros e o ser sertanejo, percebido antes do território, o sertão como origem, condição sócio-econômica e étnica, assunção identitária permanentemente reelaborada. Talvez em consequência disso frequentemente Eurico Alves Boaventura se incumba de corrigir (ou emendar, melhor dizendo) observadores ou informações que considera aligeiradas. Sua obra é elogio ao pastoreio, mas também à caatinga, à terra ubérrima, ao rio viçoso e piscoso, tudo influenciando na têmpera do indivíduo pastoril e sertanejo, vaqueiro e senhor da casa-da-fazenda (ARAÚJO, 2009, p. 11).

Dessa forma, o ensaio faria uma revisão da própria compreensão de sertão, transitando pelos costumes, músicas, festividades, comidas e o espaço privado da aristocracia do pastoreio. Cabe lembrar que, apesar desse posicionamento político de Boaventura, ele retrata um perfil muito específico, do grupo dominante que exerce poder de mando e desmando na política interiorana. A própria disputa por escrever sobre o sertão reflete os conflitos dos grupos sociais que convivem no espaço. Ao relatar suas memórias, o ensaísta parte de um olhar da casa da fazenda para a história da Bahia e do Brasil.

Um dos exemplos dessas memórias que trazem no bojo um recorte social bem específico é a descrição do nascimento do próprio Eurico Alves, assim como o desapontamento de Catarino Neco pelo não cumprimento de todos os costumes culturais do nascimento do primeiro filho de seu amigo:

Quando nasci, Catarino Neco, amigo velho de meu Pai, ficou preocupado e aborrecido porque não fez subir uma girândola de foguetões. Aborreceu-se com meu Pai por se quebrar a tradição, principalmente, sendo o primeiro filho e homem. Vaidade natural de gente vinda de redutos patriarcais. Também, ante-véspera de agitadíssimo e comemoradíssimo São Pedro, toda bomba e buscapés, os foguetes do meu nascimento não fizeram falta. Na praça dos Remédios, em frente à Capela de Nossa Senhora dos Remédios, onde morávamos então, a foguetaria foi atrevidamente alegre, contava-me meu Pai. Mas tudo era uma festa familiar para a gente patriarcal daquela quadra (BOAVENTURA, 1989, p. 314).

A ausência dos fogos após o nascimento do herdeiro-homem demonstra um ideal de masculinidade que permeia os costumes sertanejos, que vê no menino a continuidade da família e da administração dos bens da família fidalga (SANTANA, 2022). Na própria citação acima o escritor traz questões relativas ao grupo social que estava inserido, “gente vinda de redutos patriarcais”; “uma festa familiar para a gente patriarcal daquela quadra”. A repetição do termo “patriarcal” remete a uma aristocracia rural que tem na figura do senhor, dono das terras, o chefe da família. Na narrativa em primeira pessoa, além de demonstrar os hábitos pós-natal, Boaventura acentua o local onde se situava a casa da família, “na praça dos Remédios”, em frente à antiga capela, que se localiza bem no centro da cidade de Feira de Santana. Espaço que no período da infância do escritor já era uma importante localização da urbe feirense.

Como afirma Candéu (2021),

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutualmente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito,

uma narrativa. Ao fim, resta apenas o esquecimento (CANDEAU, 2021, p. 16).

A presença desse jogo de lembrar *versus* esquecer age em diversos momentos da narrativa euriquiana. Um desses momentos chave é quando Eurico Alves retoma o passado escravocrata da região, visto por ele com um certo pesar, principalmente, por ser uma mácula na trajetória de alguns membros de sua própria família. Boaventura retoma a necessidade de seus parentes em buscar, tragicamente, rememorar uma lembrança traumática como símbolo de poder.

Correm por aqui lendas também e casos de assombrações. Lembranças de castigos infligidos e apagados no tempo. Ainda encontramos o pesado e carrancudo *tronco* de s, bem fornidos, pesadíssimos, que meu Pai mandou inutilizar, destruir da aparência de castigo, forçado pela sua delicadeza moral, alheio às agitações e às pesquisas sobre o nosso passado, acreditando que aquelas traves de vinhático, ainda tresandando a suor de escravo castigado, eram um ultraje na sua casa, na velha casa-da-fazenda, aos humildes que chegassem. E, agora, quando visito a dolorosa ancianidade, ou melhor dito, a triste decrepitude do casarão das *Areias*, encontro, aberto ao sol, vencendo as devastações dos anos, como se o sol quizesse ler no seu silêncio a dolorosa crônica do negro punido, o velho tronco, lembrança caquética do poder, da arrogância, da Justiça austera do solar. Escancelado em meio à calíça, aos escombros das paredes que se arreiam, o tronco sobrevive ironicamente ao fausto do solar arrogante, imperioso, que foi e que medalhava a austera vaidade de uma autoritária Alves de São Boaventura, cuja voz valia como uma sentença (BOAVENTURA, 1989, p. 107).

As lembranças dolorosas que Eurico afirma possuir sua família se materializa nas lendas e assombrações que rondam a sede da fazenda Fonte Nova. Enquanto seu pai, Gonçalo Boaventura, apresenta uma “delicadeza moral” e ordena derrubar o tronco onde eram torturados os escravizados, uma outra parente mantém os “pranchões de vinhático” como uma metáfora da “lembrança caquética do poder, da arrogância, da Justiça austera do solar”, de membros mesquinhos da aristocracia rural, que tomava o “velho tronco” como um símbolo de tempos que os Alves Boaventura possuíam destaque nas relações políticas e econômicas na Bahia.

A escolha por narrar o fato que “ultrajava” a casa recorrendo à moralidade paterna remete diretamente à pretensão de visitar suas memórias e reconstruir um passado para si. Como afirma Le Goff (2013), a história pretende construir um conjunto coerente de fatos, que são corriqueiramente reagrupados e reescritos, “onde dantes se tratava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar,

tornar pertinentes, colocar em relação, constituir um conjunto” (LE GOFF, 2013, p. 546). Assim, ao buscar diferenciar a figura de Gonçalo Boaventura de outros membros da família, Eurico Alves busca instituir uma verdade sobre si, ao mesmo tempo que honra a moralidade paterna.

Alguns capítulos após o trecho citado anteriormente, Eurico Alves menciona que guardou os bilhetes que recebia e enviava para seus parentes, entre eles o seu avô paterno, Barbarino Boaventura. O ensaísta afirma que as cartas trocadas com seu antecessor mostram a “rígida moral do tempo, a volúpia do critério, da palavra dada, mesmo empobrecendo, orgulhosamente empobrecendo” (BOAVENTURA, 1989, p. 328). O código moral “dos velhos Alves de São Boaventura” (BOAVENTURA, 1989, p. 328) é trazido outra vez à tona, apesar do aparente empobrecimento do seu avô. O orgulho e a honra do velho patriarca em momento nenhum são relacionadas com o tronco anteriormente citado, que possivelmente tenha sido utilizado para tortura dos escravizados durante sua posse da fazenda. O fato de afirmar que seu pai enxergava com pesar a memória traumática que simboliza o tronco, justamente por já não ser de acordo com a mesma moralidade várias vezes citada, mostra a capacidade da escrita em selecionar memórias, esquecer fatos e construir narrativas, pois toma algo no campo da legalidade jurídica como uma característica inerente à figura paterna.

Como afirma João Penna (2003),

O sujeito testemunhal não é delimitado por uma radicalidade democrática, de cumplicidades laterais, alternâncias de papel e posição, mas corresponde à apresentação de uma figura ou modelo privilegiado e um interesse político específico. O testemunho utilizado pelas políticas identitárias não deixa de produzir seus próprios modelos e ideais do ego e de configurar sua própria visão de uma comunidade a ser construída pelo testemunho e imitada pela comunidade de seus leitores (PENNA, 2003, p. 322).

Dessa forma, a escolha das memórias narradas por Boaventura é perpassada por um posicionamento político e pela busca por lhe delimitar uma identidade. Esses testemunhos não constroem apenas uma imagem de si, mas da comunidade em que ele está inserido. Penna (2003) não acredita ser possível, na prática, a existência de uma memória coletiva, que seria apenas uma representação de uma metamemória particular, isto é, a forma como o próprio sujeito representa sua memória. Assim, ao escrever a partir de suas memórias, o escritor delimita o passado criado para o grupo em que está inserido socialmente, que será apropriado por seus leitores. A escolha de afirmar que o ensaio *Fidalgos e vaqueiros* se trata de um “modestíssimo e apagado trabalho, que é apenas uma tentativa de testemunho” (BOAVENTURA, 1989, p. 240), se constitui enquanto

recurso literário. É uma forma de se aproximar do leitor e lhe mostrar as possibilidades diversas de se contar a história.

Não muito distante da premissa de Penna (2003), Aleida Assmann (2011) acredita que os relatos autobiográficos tornam possíveis uma investigação pelo memorialista de si mesmo, com a preocupação de construir um parâmetro de veracidade para suas lembranças. No caso de Boaventura, o ensaísta busca relacionar suas memórias com uma discussão científica, nos mais variados temas ligados à formação do Brasil, com o objetivo de atribuir a sua narrativa um regime de historicidade (ASSMANN, 2011).

A preocupação de arquivar a si mesmo e a região do pastoreio no interior da Bahia não foi por acaso. Eurico Alves tinha noção de que o arquivo é uma forma de “controle de memória” (ASSMANN, 2011, p. 368), pois garante a legitimação de memórias específicas, que atende ao grupo que as armazena, o que reveste o ato de guardar/lembrar de uma esfera política e, consecutivamente, de relações de poder.

O fato de o escritor ter sido deixado de lado na história literária, intensificou o anseio particular de Boaventura em escrever seu próprio ensaio e defender as teses que nele constam. Como esse artigo se preocupa em debater a relação entre autoria, memória e esquecimento é importante chamar atenção ao fato, pois como afirma Norma Telles (1992), “autores não lidos são vítimas do pior tipo de censura possível – a indiferença” (TELLES, 1992, p. 50). O silêncio se torna um interdito a questões que muitas vezes são proibidas ou desvalorizadas pelas condutas sociais de determinada época. Apesar das constantes tentativas de publicação de *Fidalgos e vaqueiros* ainda em vida, Boaventura não alcançou a realização desse desejo. Postumamente o manuscrito foi impresso pelo Centro Editorial e Didático da UFBA, que tinha como política editorial produzir livros que contribuíssem para os estudos sobre/para a Bahia (SANTANA, 2022). As intencionalidades na obra euriquiana se deram pelo seu caráter didático que o robusto livro apresenta.

A publicação do livro por uma editora universitária acentua a necessidade pontuada por Boaventura em narrar a história do interior da Bahia, por ver no manuscrito inicial uma obra que merece vir a público e seu devido reconhecimento. A defesa da grandeza da região da pecuária que se equipara aos engenhos de açúcar e às fazendas de café é uma forma de equiparar a importância da cultura sertaneja na produção do Brasil, que daria origem à “civilização do pastoreio” (BOAVENTURA, 1989, p. 26), na qual o dono das terras não foge ao trabalho, sendo ao mesmo tempo fidalgo e vaqueiro, como propõe o título da obra. Historicamente, o fato do fazendeiro se dedicar ao “trabalho másculo do campo” (BOAVENTURA, 1989, p. 26) se dá pela reduzida mão-de-obra nessa atividade econômica, comparada com os canaviais e cafezais, mas que é

apresentado pelo autor como uma característica que enobrece o sertanejo e o diferencia dos preguiçosos homens do litoral (SANTANA, 2022).

Com isso, é possível afirmar que Eurico Alves defende uma narrativa de Brasil, pautada em suas memórias e com o posicionamento político de que estava imbuído no período de escrita de sua obra. Apesar de afirmar que se trata apenas de seu testemunho, o manuscrito possui o formato de um ensaio sociológico, com o objetivo de atribuir uma cientificidade a seu texto, o que é comprovado pelos mais de 330 autores citados no decorrer do manuscrito, preocupado em localizar *Fidalgos e vaqueiros* diante de outros estudos sociológicos que buscam interpretar a História do Brasil.

Considerações finais

Neste artigo, foi possível refletir sobre como as memórias de Boaventura se relacionam com a sua proposta historiográfica para o Brasil. Apesar de classificar seu texto, logo na introdução do livro, como seu testemunho, o autor demonstra no decorrer do ensaio que tem uma preocupação em seguir métodos e critérios sociológicos, com o objetivo de localizar *Fidalgos e vaqueiros* ao lado de outros ensaios que se preocupavam em interpretar o Brasil. A citação de centenas de intelectuais é uma forma adotada por Eurico Alves em sua narrativa, que busca validar a sua produção historiográfica, que além das leituras realizadas tensiona uma investigação documental (processos cíveis, fotografias e relatos orais) com suas próprias memórias. É necessário pensar Boaventura como um escritor no seu tempo, movido pela questão-problema que atravessa a literatura brasileira: Afinal, o que é Brasil? O ensaísta defende uma imagem de nação que toma a sociedade do pastoreio como foco de sua narrativa, que busca atribuir um lugar de destaque para a elite rural, e sua própria família, no processo de construção da nação. O escritor se opõe a intelectuais de renome nacional, como Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Euclides da Cunha, entre outros, por defender que a origem do país se deu a partir do vaqueiro, no interior da Bahia. São nas lembranças perdidas, garimpadas nas memórias do autor, que possibilitam a Eurico Alves encontrar o Brasil que ele acredita ser o mais autêntico e que historicamente foi deixado de lado por pesquisadores preocupados em produzir a historiografia brasileira, problema que o autor busca resolver com sua obra.

Referências

ARAÚJO, Jorge de. Fidalgos e Vaqueiros: De monumento antropológico a ode do universo agropastoril. *Légua & meia*: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana, UEFS, v. 7, n. 5, p. 7-19, 2009.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*; tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 54. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

CANDEAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2021.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: Relações e Perspectivas*. São Paulo: Global, 2004. v. 6

DÓREA, Juraci. *Eurico Alves, poeta baiano*. Feira de Santana: Casa do Sertão/ Lions Clube de Feira de Santana, 1978.

DÓREA, Juraci. *Cartas de Eurico Alves: Fragmentos da cena modernista*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana. *Canções da cidade amanhecendo: Urbanização, memória e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2016.

OLIVIERI, Rita. Para ler Eurico Alves Boaventura. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 7, p. 35-47, 1987.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória,*

literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: UNICAMP Editora, 2003. p. 297-350.

QUEIROZ, João Roberto. A paisagem de Feira de Santana na poética de Eurico Alves. *Anais do VI SENALIC – Textos Completos*. São Cristóvão: GELIC, v. 6, 2015.

SANTANA, Artur Vitor de A. *Homens verticais ao sol: A construção do vaqueiro em Eurico Alves Boaventura (1928-1963)*. São Paulo: Dialética, 2022.

SANTOS, Evandro. Memória, escrita de si e identidade nos sertões: ensaio sobre a busca por novas alteridades nas fronteiras. *Projeto História*, São Paulo, v. 69, p. 347-381, set.-dez., 2020.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SIMÕES, Isa Maria. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1971.

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

SOARES, Valter Guimarães. Paisagem-sertão, narrativas e inscrições de si: a estetização de Eurico Alves Boaventura. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, julho, São Paulo, p. 1-16, 2011.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luis. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p. 45-63.